

Tradução - Minha primeira professora (*Mi primera maestra*), de Felisberto Hernández

Texto de introdução:

Felisberto Hernández é tesouro inexplorado no Brasil

Diogo de Hollanda

Mestrando em Literaturas Hispânicas (UFRJ)

Inicialmente motivo de discórdia entre dois dos principais críticos uruguaios do século passado – Emir Rodríguez Monegal, seu detrator, e Ángel Rama, um de seus maiores entusiastas –, a obra de Felisberto Hernández (Montevideu, 1902-1964) caminhou para o consenso, ou algo muito próximo disso, ao longo das últimas quatro décadas. Neste período, além de cada vez mais valorizado pela crítica, o uruguaio passou a ser publicamente reverenciado por escritores de renome mundial como Julio Cortázar, Gabriel García Márquez e Italo Calvino.

Apesar dessas referências – e da variedade de autores hispânicos editados no país, inclusive em antologias –, Felisberto se manteve inédito no Brasil até 2006, quando a Cosac Naify publicou *O cavalo perdido e outras histórias*, um volume com oito contos selecionados, traduzidos e posfaciados por Davi Arrigucci Jr.. A importância da edição reduziu, mas não eliminou em absoluto a substancial dívida acumulada com o autor, que continua a ter a maior parte de sua obra ignorada pelos leitores brasileiros.

Ex-pianista que ganhava a vida tocando em sessões de cinema e clubes do interior – as fotos mostram-no rechonchudo e com o cabelo raras vezes alinhado –, Felisberto fez das experiências biográficas a principal matéria de suas narrativas. É tido como um memorialista, mas sua literatura sempre foi, antes de tudo, resistente a classificações. Publicado pela primeira vez no Uruguai em 1950 e até então inédito no Brasil, o conto a seguir reúne algumas das principais características do escritor, como a escrita coloquial, a lembrança da infância, a estranheza do olhar, as descrições inusitadas e a “atmosfera erótico-poética” mencionada por Arrigucci no posfácio da edição citada.

Minha primeira professora

Quando eu tinha seis anos atravessava, pelas manhãs, uma praça inclinada – vivíamos ao pé de um morro – e entrava na escola. A professora era grandalhona; colocava seus dedos roliços sobre a carteira e nos deixava fazer barulho. Eu fazia emes minúsculos com curvas redondas como os dedos dela. Uma tarde, sem que minha mãe soubesse, atravessei a praça, bati com o pé na porta da professora e apareceu pela janela sua cabeça grande, parecida com a de uma vaca bondosa sem chifres.

– O que você quer?

– Vim fazer uma visita.

– Está bem... você fica um instantinho e depois vai embora...

Quando abriu um pouco a porta da rua eu passei perto de sua saia cinza. Ela me deu a mão e me levou para os fundos. Debaixo de uma árvore havia uma galinha deitada; começou a chocar e por baixo de seu corpo – de um cinza parecido com o da saia da professora – surgiam pintinhos amarelos. Deviam estar tão quentinhos como meus dedos entre a mão da professora. Depois ela me acompanhou até a porta e eu disse:

– Daqui a pouquinho venho fazer outra visita.

– Não, não; outro dia.

Mas eu continuei pensando. Nessa noite, quando fiquei sozinho na minha cama, lembrei da galinha com os pintos e comecei a imaginar que eu morava debaixo da saia da professora. No dia seguinte, na hora da sesta, voltei a pensar a mesma coisa: agora eu não dormia; e meus pais tinham os olhos fechados. Imaginava a professora de pé, encostada na árvore; e eu debaixo das saias dela fazia carinho em uma perna; ou melhor, em duas. Sentia seu calor e via que, terminadas as meias negras que eu conhecia, as pernas eram gordas que nem as da minha avó e muito brancas. Tudo parecia muito natural; e enquanto eu a acariciava, ela ficava tão

tranquila como a galinha dos pintos. Embora estivesse debaixo da saia, eu via a cara da professora; e ela olhava distraída para todos os lados. Às vezes aparecia a mãe: era uma velhinha muito boa – uma vez me deu café com leite; mas eu não consegui terminar porque já tinha tomado em casa. Em algumas sextas eu ficava pensando na velhinha ou em alguma outra coisa; e de repente me esquecia que eu tinha que estar debaixo da saia; isso me chateava e eu me esforçava para imaginar tudo de novo. Numa outra sexta, pensei na velhinha perguntando para a filha:

– O que você está fazendo?

E a professora respondia:

– Tenho cria.

Mas a mãe sabia de tudo e falava como nos dias em que tinha bala e me dizia, de brincadeira: “Não tem bala”. Agora a filha piscava o olho para ela e eu a via enquanto fazia carinho nas suas pernas. Em quase todas as sextas as galinhas lá de casa cacarejavam e eu ficava com ódio delas; não percebia que essas galinhas eram iguais às da professora.

Quando chegaram as noites de verão meus pais me deixavam brincar um pouquinho antes de ir para a cama; então eu atravessava a praça, entrava na casa da professora e de repente soltava uma gargalhada e pregava um susto nela. Uma noite, da calçada, vi que ela ia toda hora da sala de jantar para a cozinha carregando os pratos. O abajur que estava em cima da mesa da sala de jantar tinha uma cúpula e só clareava a toalha. Sem que a professora me visse, entrei e me escondi debaixo da mesa. Logo depois ela veio, com os passos de sempre, mas vestia uma saia branca; chegou bem perto da mesa e eu, tocando o chão com a cabeça, olhei para cima e apareci no interior da saia dela: estava tudo meio escuro; mas ficava mais claro quando ela, para alcançar alguma coisa que devia estar do outro lado da mesa, apoiava um pé e suspendia o outro no ar. Eu fiz a experiência várias vezes sem que minha cabeça encostasse nos seus pés. Depois de recolher os pratos e talheres, ela voltou para a sala de jantar com passos lentos; apoiou-se na beira da mesa, levantou um pé e deixou o outro no chão. Então eu olhei pelo lado de fora da saia e vi que ela estava com a cara coberta por um livro.

Entre nós havia muita confiança; se ela me descobrisse debaixo de sua saia, eu diria que estava brincando. Finalmente decidi entrar. Não sei se cheguei a encostar em suas pernas; ela soltou um grito e ao baixar o pé que estava suspenso, pisou em cima de mim; também senti que apertava a minha cabeça. Em seguida vi todo seu corpo cair, ouvi o barulho de uns copos que estavam no aparador e cheguei a ver um pedaço branco da perna dela. Quando se levantou estava muito irritada e achei que fosse me bater; mas de repente começou a rir: queria falar comigo, mas não conseguia; virou a cabeça, foi até o vestíbulo e olhou para a cozinha: a mãe estava lavando os pratos e não tinha ouvido nada. A professora voltou-se para mim e com o dedo em riste disse que mandaria alguém contar para meu pai o que eu tinha feito e que eu fosse já para minha casa. Eu passei na frente dela com a cabeça baixa mas olhando a saia branca; caminhava lentamente, percebia que ela me perdoava e me sentia feliz. Ao atravessar a praça lembrei-me do seu riso e pensei: “Ela gosta que eu entre embaixo da saia dela”.

Referências bibliográficas:

HERNÁNDEZ, Felisberto. *Las hortensias y otros relatos*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2009.

HERNÁNDEZ, Felisberto. *O Cavalo perdido e outras histórias*. Seleção, tradução e posfácio de Davi Arrigucci Jr.. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SAITTA, Sylvia – Acordes de la memoria, *La Nación*, Buenos Aires, 20/10/2002. Disponível em http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=441755

PAOLINI, Claudio – Felisberto Hernández: escritor maldito o poeta de la matéria, *Espéculo – Revista de estudios literarios* (Universidad Complutense de Madrid), Madri, 2003. Disponível em <http://www.ucm.es/info/especulo/numero23/paolini.html>